

ESTIGMA E PARADOXO: o desvio e a exclusão em uma Escola Freinet

STIGMA AND PARADOX: social deviation and exclusion in a Freinet School

Daniel Dantas Lemos¹

UFRN: <https://orcid.org/0000-0003-2957-1627>

Giovanna Duarte da Silva Mantuano²

UERN: <https://orcid.org/0000-0002-2045-9017>

DOI: 10.21680/1982-1662.2022v5n34ID28066

Resumo

O presente trabalho visa a explicitar o problema da exclusão dentro de uma Escola Libertária Freinet, a Camafeu. O problema da exclusão é visto sob a ótica de dois sistemas conceituais, o de Gilberto Velho: “Desvio e Divergência” (1979) e o de Erving Goffman: “Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada” (2004). O trabalho se relaciona a dois conceitos desses autores: o desvio e o estigma, respectivamente. Dentro desses dois agentes conceituais discursivos, trabalhamos o desvio como algo que foge à regra vigente, seja pela via do sujeito, seja pela via institucional. Já o estigma é aplicado aos sujeitos como algo ou aquilo que não corresponde às expectativas vigentes da norma social - as pessoas portadoras de alguma deficiência (física, mental ou intelectual), por exemplo. São dentro desses dois planos (desvio e estigma) que observamos, pois, a exclusão dos estudantes. Através das práticas de sociabilidade observadas na Escola, desenvolvemos uma observação na qual foi possível utilizar-se de questionários e vivências *in loco*, com

¹ E-mail: ddantaslemos@icloud.com

² E-mail: duartemantuano@gmail.com

base no exercício etnográfico, em um período de 10 meses. Foram investigadas as moralidades que permeiam o espaço escolar e levantada a questão: “é possível haver exclusão social dentro de um espaço libertário?”. A principal hipótese é que por mais que a instituição seja libertária e tipicamente desviante, ela não resolve o problema da exclusão, pois as grandes transformações viriam, na verdade, das relações estabelecidas no interior das salas entre os próprios alunos e não pela pretensa metodologia inclusiva.

Palavras-chave: Desvio. Estigma. Exclusão. Pessoas com deficiência.

Abstract

This article aims to make explicit the problem of social exclusion inside Camafeu, a Freinet Libertarian School. The problem of social exclusion is perceived under the optics of two conceptual systems: Gilberto Velho's “Desvio e Divergência” (1979) and Erving Goffman's “Estigma: nota sobre a manipulação da identidade deteriorada” (2004). The research relates to the concepts of deviation and stigma respectively. Within these two discursive conceptual agents, we work the deviation as something that escapes the current rule, either through the subject or through the institutional route; stigma, on the other hand, is applied to subjects as something or what does not correspond to the current expectations of the social norm - people with a disability, physical, mental or intellectual, for example. It is within these two notions (deviation and stigma) that we observe the exclusion of the scholars. Through the sociability practices observed inside the School we developed an observation in which is possible to apply questionnaires and experiences in loco based on the ethnographic exercise over a ten month period. The moralities that permeates the space were investigated raising the following question: “Is it possible to exist social exclusion within a libertarian environment?”. The main hypothesis is that even when the institution is a libertarian and typically deviating one, it does not solve the problem of social exclusion, since the great transformations would actually come from the relationships established within the classrooms between the students themselves and not by the alleged methodology.

Keywords: Deviation. Stigma. Social exclusion. People with disabilities.

Introdução

O presente trabalho tem o objetivo de explicitar o problema da exclusão em meio ao funcionamento de um sistema que se propõe a ser de inclusão em uma Escola Freinet³, que chamaremos de Camafeu. Pretendemos também trabalhar os conceitos de *desvio* e *estigma*, observando as moralidades que permeiam o espaço escolar para indivíduos com deficiência, tanto ao nível do ambiente institucional da Escola quanto ao nível de sala de aula, conforme nossas observações, compartilhamentos, escutas, envolvimento, como também distanciamento, de maneira objetiva, dos estudantes, a partir de uma pesquisa de natureza etnográfica.

Nesse sentido, trabalhamos o *desvio institucional*, pois se trata de uma Escola anarquista-cooperativista, libertária, entendida aqui como um modelo escolar baseado em ideias de livre expressão e não-tradicional. Além disso, trabalhamos também o *desvio* e *estigma* de sujeitos que operam em perdas sociais pela condição de deficiência. Questionamo-nos, assim: é possível haver *exclusão* escolar dentro do processo pedagógico de uma Escola libertária?

O método Freinet, pedagogia da Escola Moderna

Por que pesquisar o processo de exclusão em uma Escola Freinet e não em Escolas comuns? Dentre as possíveis explicações, escolhemo-na justamente pelo seu caráter não convencional, pois é diferente das Escolas tradicionais, em sua gênese, e se destaca por esse elemento. Os princípios da Freinet estão em total desacordo com os princípios do capital. Trata-se de uma cooperativa de professores, baseada em metodologias não autoritárias e não seletivas como se vê nas Escolas comuns.

A referida Escola tem sua lógica de funcionamento que não opera no sistema de notas, nem nos trâmites de aprovação/reprovação. Os estudantes se autoavaliam e avaliam seus colegas, como forma de balanço comportamental e sobre possíveis

³ Pedagogo Anarquista francês que construiu seus métodos próprios de ensino, sem o aparato estatal e que hoje em dia sua pedagogia é conhecida e aplicada internacionalmente. A própria metodologia freinetiana é tida como um desvio ou divergente às teorias pedagógicas que atuam de forma hegemônica atualmente. Uma de suas principais bandeiras eram “abaixo os manuais escolares”.

problemas. As reuniões são autogeridas e os professores pouco intervêm. Esse é um dos princípios do cooperativismo: a tentativa de colocar todos em patamares de igualdade.

O que se evidencia, enquanto princípio pedagógico vem das bases político-filosóficas da Escola Moderna e também dos procedimentos internos da Escola, que vão desde técnicas de trabalho (texto livre, jornal escolar, reuniões cooperativas) até a lógica de funcionamento escolar-cooperativo⁴. Podem-se observar alguns aspectos pedagógicos, dentre vários outros, que se sobressaem: o tateamento experimental, a Escola para a vida e as reuniões cooperativas.

O entendimento freinetiano é de que nossa relação com o conhecimento se dá de forma natural. Não seriam os processos essenciais da Escola (a observação, a explicação e a demonstração) as únicas vias de aquisição de conhecimento. O tateio experimental se dá como forma intuitiva de aprender, sendo a experiência tateante uma conduta natural e universal.

O livre trânsito pelos corredores é um dos indicativos de como lidam com a liberdade proporcionada. Liberdade é um termo bastante presente nas falas das pessoas, que a mencionam sob várias perspectivas: como sinônimo de loucura, como o princípio básico de autonomia ou como a proposta de uma Escola não-autoritária. Esse transitar livre dos estudantes no período da aula é estranho à Escola tradicional; deu a sensação de descontrole. Flávio, professor da UFRN e especialista no método Freinet, em entrevista, lembra que outras pessoas compartilham desse sentimento, “porque, como a Escola Freinet é muito diferente; tem gente que não a entende; olha e fala ‘isso é uma bagunça; isso não dá certo’, até o dia em que a conhece e vê que dá muito certo, sim”.

Embora não se reconheça como um escolanovista, Freinet não desconsidera o movimento Escola Nova, de acordo com Boleiz Júnior (2012), em seu princípio geral: i) a valorização da infância em sua condição; ii) a crítica ao ensino unificado e homogêneo, fruto da Escola tradicional; iii) a descentralização do professor no processo pedagógico e iv) reconhecimento da criança como um ser ativo. Entretanto, por partir de uma concepção de educação radicalmente de base, Freinet se distingue da Escola Nova e tece suas críticas.

⁴ Por ser cooperativa, todos os cooperados recebem o mesmo salário, de acordo com as mensalidades dos alunos.

A senhora Montessori e Decroly eram médicos; os psicólogos suíços eram, antes de mais, pensadores; Dewey era filósofo. Eles tinham sentido, muitas vezes de maneira genial, a urgência das opções novas que o mundo nos ia impor; espalharam ao vento a boa semente de uma educação em liberdade: mas não eram eles quem trabalhava a terra onde ia germinar a semente. (FREINET, 1964, p. 17).

A crítica de Freinet consiste na ideia de que não basta entender de maneira geral a infância e os processos em educação, como fizeram médicos, filósofos e outros pensadores; para o pensador, ninguém melhor do que os próprios professores para entender e propor ações para o cotidiano escolar. Nesse sentido, entende que a solução dos problemas de classe ficaria a cargo de quem está face ao problema todos os dias, a cargo de quem está em sala de aula.

Freinet se distancia do Movimento Escola Nova e de seus pensadores, trabalhando em uma perspectiva de Escola Moderna. Isso tudo por entender que a pedagogia é a ciência do comportamento de uma classe perante a instrução e educação dos que a compõem. Então, a libertação pedagógica e a proposição em método para isso, segundo Freinet (1964), só pode ser feita pelos educadores de base. Sobre os vários métodos dos pensadores citados da Escola Nova, Freinet (1964, p. 22) demonstra que “nenhuma das teorias lidas e entendidas podiam ser transportada para a minha escola na aldeia”, justamente pelo metodismo das propostas escolanovistas, e em alguns casos, do caráter elitista.

Desvio e estigmas: categorias de exclusão

A palavra *desvio*, segundo o dicionário Michaelis, tem pelo menos catorze derivações, as quais dizem respeito, dentre outros, ao ato ou efeito de desviar-se, mudança do caminho usual, caminho alternativo fora da rota normal, afastado do caminho principal. Desvio é, então, tudo aquilo que se coloca ao não esperado, aquilo que não é vigente ou corriqueiro.

O *desvio social*, posto metaforicamente, se relaciona, nesta pesquisa, à deficiência física, mental, intelectual, entre outras, dos nossos estudantes. O desvio ou a divergência pode vir de uma natureza complexa, seja ela institucional, seja no *comportamento específico do desviante* tido como uma patologia social. Seguindo a linha de Goffman (1961), a análise do desvio pode se dar em *instituições fechadas*, onde há todo um conjunto de regras de *arregimentação institucional* (FOUCAULT,

2007). O desvio, pois, é institucional e facilmente classificável a certos alunos. As instituições totais, segundo Goffman (1961), são medidas pelo seu alto grau de vigilância, com seus muros altos e onde se espera certo tipo de comportamento. A Escola não chega à vigilância de um manicômio, mas possui dispositivos similares.

Na área da psicologia social, esse conjunto de significados para o desvio, segue em Goffman (2004) o caráter estigmatizante de tais sujeitos e/ou instituições:

Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. (GOFFMAN, 2004, p. 05).

Segundo Goffman (2004), o lugar do *estigma* está no sujeito que se desvia da ordem comum do status da sociedade, seja pela via visual ou moral. Há de se estabelecer uma conexão entre os conceitos articulados em relação aos sujeitos estudantes da Camafeu, ambiente socioescolar em que realizamos nossa pesquisa. Aquele que recebeu o lugar do estigma é o aluno que possui algum tipo de deficiência física, mental ou psicológica.

O presente trabalho tem por principal questionamento a possibilidade de haver *exclusão* escolar dentro do processo pedagógico de uma Escola Libertária⁵. Cabe a análise de todo o material observado com base nos conceitos norteadores *desvio* e *estigma* (GOFFMAN, 2004, 1961; VELHO, 1979). Em contato com cenas etnográficas, destacamos inicialmente a afirmação da gerente de conteúdo da Escola, que diz que o:

acolhimento faz todo sentido com esses alunos *desajustados*⁶, eles não se adéquam nas Escolas tradicionais e vêm pra cá e a gente acolhe. Porque, assim, é muito fácil estabelecer um padrão de aluno, visando apenas a passar no vestibular. Aí essas Escolas tradicionais são assim, né, querem um aluno padronizado, estilo máquina de fazer gente, sabe? O problema é que nem todos se adéquam a essa lógica, nem todos vão para a Escola para passar no vestibular, aí esses alunos que estão fora da lógica bancária, automaticamente são tidos como aluno problema, e aqui é conhecido por acolher esse tipo de aluno. (Monalisa, aproximadamente 30 anos, gerente de conteúdo da Escola).

O relato acima permite formular alguns questionamentos acerca do funcionamento da Escola e seus atores. Com base na fala de Monalisa, pode-se

⁵ Modelo escolar baseado em ideias de livre expressão e completamente não tradicional.

⁶ Corresponde ao conceito *desviante*.

adentrar em reflexões do tipo: “Como lida uma Escola libertária com os sujeitos ditos *desajustados?*”, “Até que ponto é mediado os ideais de uma Escola anarquista, quando se trata de seres *desviantes?*”, “É possível haver exclusão de pessoas com deficiência em uma Escola libertária?”

É justamente no ensino médio que essas questões ficam mais evidentes, porque eles são adolescentes. Recebemos aqui alunos de outras Escolas com demandas específicas, alunos com laudos psiquiátricos, alunos com problemas cognitivos, alunos bagunceiros. Eles chegam a ser expulsos dessas Escolas, às vezes não tão diretamente. Esses meninos [os *desajustados*⁷] ou eles não se integram, ou eles não interagem na Escola antiga, não conseguem passar de ano pelo sistema de notas, aí eles vem pra cá e aqui não funciona assim, aqui não tem nota, não tem isso de aprovação e reprovação, e a gente não entra nessa lógica do laudo psiquiátrico, aqui eles podem ser quem eles são. (Monalisa, aproximadamente 30 anos, gerente de conteúdo da Escola Camafeu).

A Escola Camafeu é tida como uma Escola *aberta a todos*, ao aceitar os sujeitos em suas diferenças e expressões do eu. O gerente pedagógico e outros cooperados quando questionados sobre o perfil do alunado, respondem que lá tudo pode e enfatiza a “loucura”⁸ como algo determinante nos moldes de funcionamento da instituição. É na ideia de *instituição fechada* (GOFFMAN, 1961) que a estrutura escolar se encontra. Fez-se necessário a cautela em que paradoxalmente o grau de moralidade, o cuidado e a liberdade são elevados.

As *instituições totais* (fechadas para a sociedade) são aquelas que mantêm um sistema próprio e interno de funcionamento, como exemplo dos manicômios, prisões e conventos. Entretanto, a Escola se insere nas instituições fechadas, com menos rigor que as instituições totais, mesmo assim com severo controle interno: muros altos, vigilância, horários e afazeres categóricos.

Nomeação, exclusão e abuso de poder

A compreensão de controle e funcionamento da Escola como instituição total nos faz refletir sobre o processo de nomeação na determinação do *desviante*, do

⁷ Termo nativo.

⁸ O termo loucura é usado de forma corriqueira dentro da escola, nos mais variados contextos, desde a condição dos alunos com alguma doença física ou mental, ou quando se refere àqueles que decidem fazer parte daquela comunidade escolar. São “loucos” por escolherem estar imersos naquele local com suas mais variadas limitações, dentre as quais, a rotatividade dos professores motivada por questões salariais e a entrada em sala de aula sem a mínima formação pedagógica. Essa liberdade e inconstância da escola, da um ar de um certo tipo de descontrole, típicos do que chamamos de loucura.

sujeito sob *estigma*. A nomeação rotula, silencia e exclui - o que se torna importante em um modelo escolar que, supostamente, pretender *incluir* (ou seja, nomeia alguém como *não-incluído*) e se nomeia desviantes como, por exemplo, desajustados.

Foucault (2008) considera que o conhecimento das coisas não é algo natural, mas constitui uma violência que se faz às coisas - não há uma relação natural entre o conhecimento e as coisas que podem ser conhecidas. No que repercute o pensamento nietzschiano, Foucault (2008, p. 18 apud DANDAS, 2012, p. 82) diz que “entre o conhecimento e as coisas que o conhecimento tem a conhecer não pode haver nenhuma relação de continuidade natural. Só pode haver uma relação de dominação, de poder e de força, de violação”. Foucault ainda (2008, p. 53) aprofunda a questão ao destacar que o discurso é uma “violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhes impomos em todo caso”.

A palavra e a nomeação, então, se fundamentam em uma relação arbitrária que, no campo do discurso, é essencial para a organização dos sentidos - é preciso identificar as coisas do mundo, vinculando-lhes as representações das palavras. Foucault (2007, p. 166) diz que a nomeação é um “ato soberano (...), o lugar onde as coisas e as palavras se ligam em sua essência comum, e que lhe permite dar-lhes um nome”, de modo que, segundo Dantas (2012, p. 166), a “palavra e a nomeação se fundamentam em uma relação arbitrária que, no campo do discurso, é essencial para a organização dos sentidos”. Desse modo, em um ambiente escolar que se pretende inclusivo e com ampla nomeação dos desviantes, desajustados, a organização dos sentidos se dará em torno de tais signos ideológicos: a Escola precisa se afirmar como inclusiva e, para tanto, será necessário reafirmar o estigma e o desvio de seus alunos. Eles serão ditos e reafirmados na condição de sua ‘loucura’.

A nomeação implica uma forma de enquadramento ideológico, situando as coisas no mundo e a sua significação no meio do processo, o qual Charaudeau (2006) chama de transformação do mundo a significar em mundo significado. Nomeia quem exerce poder sobre o outro e, o ato de nomear posiciona o tipo de significado que o enunciador pretende que seja estabelecido, na instância de significação do discurso.

Nomes, portanto, não são acidentais nem irrelevantes. Comunicam e o fazem por meio de um processo discursivo e ideológico. Eles comunicam e o fazem repleto de carga ideológica. E todo sentido atribuído às coisas é, assim é bom também destacar, uma violência visto ser algo não-natural (LEMOS et al., 2021, p. 104081).

É o que se pode depreender, a partir dessa perspectiva, do léxico utilizado por professores e outros membros da comunidade Escolar, para se referir especialmente às pessoas com deficiência da Escola, assim como elementos da relação dos cooperadores, para com esse público no ambiente escolar. Tais processos de nomeação parecem ameaçar os sujeitos com a exclusão, mesmo no ambiente de uma Escola que se afirma inclusiva.

Escola que aceita a todos

A Escola Freinet é conhecida na cidade por aceitar a todos os casos de exclusão advindos de outras realidades escolares, seja o alunado com deficiência física, mental, intelectual ou psicológica, seja aquele aluno ‘bagunceiro’. Os alunos que são tidos por problemáticos, ao chegarem à referida Escola, encontram-se com pessoas nas mais variadas condições, e é neste sentido que está a liminaridade com a ‘loucura’ tão falada no interior da Escola, pois é tida como uma categoria que pode ser facilmente manipulada socialmente, em contextos clínicos ou de descontração. Essa é a variável essencial do trabalho:

Baseamo-nos, nesta consideração, essencialmente em Foucault. Reconstruindo a história da loucura na sociedade ocidental, Foucault reconstrói a percepção que apresenta cada sistema cultural, nos diferentes períodos, das relações entre razão e a não-razão e, ao mesmo tempo, sua própria percepção de si. [...] O reconhecimento que permite dizer: ‘Este é um louco’ não é algo simples e imediato. Repousa, de fato, num certo número de operações prévias e, sobretudo neste recorte do espaço social segundo as linhas da valorização e da exclusão. (VELHO, 1979, p. 82).

Foucault (2007) resgata o sentido da loucura em variados contextos, com base na valorização e *exclusão* do sujeito pelo recorte social em que ele se insere. Contextualizando com os nossos dados empíricos, o ‘louco’ é aquele que mesmo em uma instituição desviante, não encontra a linha de valorização, como disse Foucault, mas, sim, em alguns casos encontra a exclusão.

Os problemas que tive em sala, em sua maioria foram por causa de alguns alunos com D.I. (deficiência intelectual). De repente havia uma divisão em sala. Os outros alunos não queriam fazer trabalhos com eles, ou não se sensibilizavam o suficiente. Esse era o maior e mais recorrente problema que havia em sala. [...] Então foi um pouco difícil no começo e como eu disse, não fui instruída a como lidar com certas

situações. [...] Eu nunca tinha tido contato pra dar aula a estes alunos [desviantes mentalmente] e me senti despreparada. Como vou fazer pra que o assunto que estou dando seja assimilado por todos? Era um pouco complicado. (Bianca, professora, aproximadamente 30 anos, pelo batepapo do Facebook).

A fala acima mostra que a mesma categoria ‘loucura’ pode aparecer em vínculos diversos, como fator de coesão, no sentido de aceitar a todos a estarem na Escola, mas também de ruptura - a exclusão mais sutil na hora de formação dos grupos.

“Ninguém quer fazer trabalho comigo, por isso fico sozinho”

Inácio (18), Nicolás (19) e Ramon (19), dentre outros, formam um dos agrupamentos na classe. Os três possuem algum tipo de deficiência. Inácio é cadeirante. Nicolás o ajuda no transporte da cadeira. Ramon tem entre 17 e 20 anos e possui laudo inconclusivo. Já o associaram à bipolaridade, dislexia, autismo e está na Camafeu pela socialização. Nicolás não toma medicação, dizem que é ‘deficiência intelectual’. Ramon entra e sai da sala diversas vezes; a psicopedagoga vem e o coloca de volta para aula. Os meninos entram na lógica dos seres desviantes (GOFFMAN, 2004), sendo aqueles que possuem alguma característica física, mental ou intelectual que não corresponde às expectativas sociais (GOFFMAN, 1961) ou entra na lógica de seres *mortificados*, processo pelo qual o indivíduo passa ao entrar para uma instituição fechada ou total, passando a ser submetido a regras que ferem o seu eu. Nesse sentido, volto ao questionamento: até que ponto é mediado os ideais de uma Escola anarquista, quando se trata de seres desviantes?

Apenas um professor consegue acessar Ramon para que realize alguma atividade. Ele é um exemplo da dupla condição - *mortificado* e *estigmatizado* social e institucionalmente: cooperados e alunos comentam sua condição em sua frente e ele não possui liberdade, como os demais discentes, para transitar como desejar pelos corredores. As aulas acontecem como se ele não estivesse ali. Por outro lado, o ideal de Escola anarquista o aceita, diferentemente das Escolas convencionais, que alegam não ter estrutura para esse tipo de aluno.

Quando a pesquisadora conversou com um colega do seu meio acadêmico, de perfil libertário-anarquista, contou-lhe que estava fazendo este trabalho na Escola Camafeu. Este, por sua vez, nos disse que sua filha mais nova havia estudado lá: “a

proposta é boa, mas tive que tirar minha filha e colocar em outra Escola”. A pesquisadora não entendeu o que ele quis dizer, porque a Escola tem muitos alunos que são filhos de pais e mães que se afirmam como sendo do meio alternativo, inclusive, tomamos ciência da existência da Camafeu através desse pessoal. A pesquisadora então lhe perguntou o motivo que o levou a tomar essa decisão:

Renato: Lá é todo mundo junto, é tudo misturado, aluno normal com aluno com problema mental. Cansei de ouvir minha filha chegando em casa dizendo que fulano não soltava o braço dela, segurava à força, sem ela querer.

Pesquisadora: Você avisou a gerência pedagógica, fez algum tipo de reclamação?

Renato: Não, essa é a maneira que eles trabalham. É complicado porque eles juntam as crianças e não dão atenção específica, o que eu discordo. Eu acho que deve ter uma Escola só para esse tipo de aluno, acho que deve ser separado. Não fui lá reclamar, eles trabalham assim. Só tirei minha filha e matriculei em outra Escola.

Esse é um exemplo de que a visão da Escola que aceita todo mundo em suas singularidades, não é vista por todos da mesma forma. Não operar na ideia do laudo psiquiátrico, visando incluir a todos, é algo que, aparentemente, só se conhece as consequências através das relações estabelecidas entre os próprios alunos. A forma como os responsáveis pelos alunos e pela Escola lidam com isso, adquire contornos distintos. Na visão de Luana (gerente de conteúdo), aceitar a todos significa adotar uma postura acolhedora, visão diferente da de Renato, que acha que deve haver separação.

Vinícius (19) sai da sala, tendo a liberdade de estar na sala dos professores e se ‘autoescolarizar’, em termos de conteúdo, na medida em que, muitas das vezes, não cumpre o programa das aulas. Ele é diagnosticado como autista e possui gostos peculiares. Em certo dia de observação *in loco*, a professora de Música chegou à sala e comentou sobre um filme da Marvel, ele se interessou e conversou como eu nunca havia visto antes. A pesquisadora aproximou-se, achando a cena estranha, dizendo-nos: “Não liga não, ele é assim mesmo, autista, sabe como é”. Eu disse que não sabia como era, pedi para ela me explicar: “Ah, eles são assim, se comunicam de outra forma; Vinícius gosta muito de assistir os filmes da Marvel, de história em quadrinhos; para ele conversar com alguém, tem que ser um tema que ele goste”. Carmem, professora, comentou que ele estava muito sonolento ultimamente e atribuiu à

medicação.

Vinícius se mostrava bem autocentrado, conversava pouco ou quase nada com os colegas, não se agrupava ea maioria dos seus papos era com pessoas de mais idade que a dele. A pesquisadora não conseguiu levar suas demandas nas poucas conversas que teve com ele, que se mostrava muito impaciente quando o assunto começava a lhe fugir do controle. Vinicius costumava levar suas coleções de revistas, sagas, trilogias para serem trabalhados, lidos dentro do ateliê.

Costumavam ocorrer algumas cenas de surto ou de desentendimento, mas ao chamarem a direção, os alunos se acalmavam. Outro dia estávamos na sala em horário de aula, Vinícius chegou enfurecido, tirou a mochila das costas e jogou-a com toda força em cima de Ramon, chamando-o de imbecil. Perguntei a Bianca, professora, o que estava acontecendo, ou o que tinha acontecido anteriormente para Vinícius agir daquela maneira; ela respondeu que não sabia exatamente, mas que Vinícius ficava irritado com o comportamento de Ramon e com as coisas que ele falava com conteúdo sexual. Na hora do intervalo perguntei a Joana, aluna, (16), se isso era comum acontecer. Ela me disse que: “não tem como entender, né? Ramon nem sabe se tá no mundo e Vinícius tá se irritando com qualquer coisa; fez isso hoje para aparecer, ele deve ter raiva de quem não é inteligente como ele”.

Essa situação mostra que não há um direcionamento aos cooperadores para lidar com situações extremas como a apresentada. A impressão que dá é a de que é tudo muito no improviso mesmo. Os professores novatos ficam à mercê dos alunos mais antigos, que já estão mais acostumados quando algo foge do controle. Bianca, no caso relatado acima, ficou sem saber como proceder; Raul que tomou a iniciativa e foi direto na direção. No final das contas, a tomada de providência recaiu para Jonas, diretor da escola. Depois dessa cena, a sensação que dava era a de que a qualquer momento algo poderia sair do controle, principalmente com as alterações súbitas de humor de alguns alunos, propiciada pela mudança de medicação e também pelo comportamento de alguns alunos. Notamos que Júlio, aluno, (35), sai do ateliê com frequência, sempre sozinho:

Pesquisadora: Tá fazendo o que?

Júlio: To esperando o café ficar pronto, sai já.

Pesquisadora: E os professores deixam você sair assim a qualquer hora e nem perguntam o que você estava fazendo?

Júlio: Eles sabem que saí à procura de café, faço hemodiálise três vezes por semana, o café é pra tirar a ressaca, fiz ontem, aí minha pressão fica baixa, fico sonolento, o café me anima.

Quando a pesquisadora perguntou sobre a formação de grupos para o seminário, respondeu-lhe: “Ninguém quer fazer trabalho comigo, por isso fico sozinho”.

São esses tipos de exclusão que o termo libertário oculta, ao dizer que na Camafeu tem lugar para todos em quaisquer condições. Estar dentro da Escola, ser um aluno, ser um aluno Freinet não garante total inclusão - exclusões muitas das vezes aparecem de modo velado.

Os perfis variados dos alunos, especialmente nessa turma, em que metade deles possui algum tipo de deficiência, física, mental ou intelectual, são daqueles que vem de outras escolas com queixas sobre as práticas de exclusão, que não conseguiam passar de ano, tendo chegado a Camafeu por indicação, por ser conhecida pelo sistema de ensino mais flexível. Sobre isso, Flávio me diz em entrevista:

Essa coisa da criança com necessidade especial, ela não é olhada como algo a ser incluído. Eu falo até um pouco brincando e um pouco sério, que a Escola Freinet, ela não é uma Escola inclusiva, porque uma Escola inclusiva é uma Escola que tem um espaço, um canto, um lugar onde é preciso incluir quem tá de fora. Na pedagogia Freinet, isso não tá fechado, então não é preciso incluir, a criança quando chega, ela já tá no seu lugar, você entende o que tô querendo dizer? (Flávio Boleiz Júnior, especialista do método Freinet).

Se a Freinet aceitasse todo tipo de aluno, não haveria a necessidade de utilização dos termos inclusão ou exclusão, entretanto, sabemos que servem para esconder algumas perdas sociais, como no caso dos meninos que passam pelo processo do estigma, por estarem em condição de deficiência. Júlio estuda na Camafeu há três é um exemplo, nesse sentido:

Júlio: Minha terapeuta que me apresentou, eu estava com problemas na outra Escola, ela me indicou essa. Eles me achavam burro, me reprovavam e eu tinha muitas faltas lá. Faço tratamento fora, eles entendem (Freinetianos) quando não posso vir, não colocam falta, nem reprovam, só aviso no grupo do Whatsapp que não tô podendo.

Pesquisadora: O que os professores fazem para repor o assunto que você perdeu?

Júlio: Eles entendem minha situação. Tem professor que envia a atividade pra fazer em casa. Aqui eu consigo passar de ano.

A prática *inclusiva*, na perspectiva das limitações e potencialidades do aluno - de elas serem percebidas e entendidas por parte do cooperador, e a partir disso serem trabalhadas em uma fina sintonia entre professor e aluno - é um trabalho que a Camafeu deveria desempenhar em todos os casos, como o exemplo agora colocado; essa plasticidade das técnicas pedagógicas favorece o aluno. Sobre a experiência inclusiva em sala, Boleiz diz em entrevista:

Porque, como a escola Camafeu, ela é muito diferente, tem gente que não entende, olha e fala 'isso é uma bagunça, isso não dá certo, 'até o dia que conhece e vê que dá muito certo, sim, [...] Esta escola aqui é assim, têm, pelo menos, dois, três alunos em sala de aula que têm necessidades especiais e os alunos que não as têm, trabalham muito bem junto com seus colegas. (Flávio Boleiz Júnior, especialista do método Freinet).

No entanto, essa visão não é totalmente compartilhada; a experiência inclusiva parece não se restringir apenas ao cumprimento das atividades curriculares previstas, já que as relações sociais no interior da sala também podem gerar outros tipos de exclusão. Conversando com Júlio, ele me conta que já tentou ser amigo de Vinícius, mas que este nunca quis papo.

Na verdade, nenhum deles querem papo comigo. Na vez que tentei fazer grupo com as meninas, elas disseram que já tava cheio. Eu sei que é Joana que não gosta de mim, por isso fico sozinho mesmo, sem grupo, [...] Tem alguns grupos que exclui as pessoas, aí eu é tanto que eu faço o trabalho com um deficiente, né, que é cadeirante, mesmo assim acontece a exclusão, né. Mas aí acontece muito, principalmente quando eles surtam, acontece caso de surto dentro da sala de aula. Ontem aquele autista, aquele que viajou pro exterior, ele surta também, mas só que o dele é mais agressivo, aí as pessoas acabam excluindo ele também [...] Os grupos são isolados, eles mesmos se escolhem, e a gente tem que se dizer, eu e Inácio no caso, e eles... Henrique e Raul, e as meninas, e eu fico sobrando sozinho às vezes, é difícil né. (Júlio, 35 anos, em entrevista).

O exemplo de Júlio, que diz sofrer rejeição, que quer se inserir em um grupo dentro da sala, mas não o consegue, mostra que os parâmetros inclusivos vão depender também das interações. Ao que tudo indica o que vai garantir se as relações serão inclusivas ou não, são as relações estabelecidas entre os alunos. A aproximação dos estudantes se dá por práticas semelhantes, gostos em comum, talvez por condição, e idade. Os grupos desempenham suas atividades em conjunto, fazem as mesmas

parcerias para a realização de seminários, apresentação de trabalho em grupo de pesquisa.

Considerações finais

O objetivo de nosso trabalho não era outro senão evidenciar o problema da exclusão em uma Escola Freinet - a Camafeu, a partir dos conceitos nucleares ao nosso texto, a saber, *desvio* e *estigma*. Nossa pesquisa se deu por meio de observações das moralidades que atravessam o espaço escolar, levando em conta os indivíduos com deficiência, na esfera institucional da Escola, incluindo a sala de aula. Isto é, incubimo-nos de fazer uma observação objetiva, a partir da escuta, do olhar e da escrita, através da etnografia.

Evidenciamos que o conceito de *desviadizia* respeito ao aspecto institucional da Escola em questão, visto que ela se caracteriza pelo método Freinet, de orientação anarquista-cooperativista, isto é, libertária. Já no tocante ao conceito de *estigma*, trabalhamos a partir da perspectiva dos sujeitos que transiram pela Escola em tela, tendo por mote de questionamento a possibilidade - ou não - de haver exclusão em uma escola de fundamento pedagógico libertário.

Além de Freinet, também nos valem de pesquisadores como Foulcaut, Goffman, pois eles tratam, respectivamente, da loucura, como face da exclusão, e do estigma. As categorias *desvio* e *estigmanos* deram subsídios para compreender os estudantes com algum tipo de deficiência: sujeitos que operam em perdas sociais por essa condição. O *desvio social*, posto metaforicamente, se relaciona nesta pesquisa à deficiência física, mental, intelectual, entre outras, dos nossos estudantes.

O desvio ou a divergência podem advir de maneira institucional e como um *comportamento específico do desviante*, tido como uma patologia social nas chamadas instituições fechadas e arregimentadas, lembrando Goffman e Foucault, novamente. O *desvio institucional* analisado diz respeito ao caráter que a Escola assume - uma Escola com metodologia de bases nos preceitos anarquistas do tipo libertária, caracterizando, assim, uma Escola não convencional, portanto, desviante. Dito de outra forma, a Camafeu se desvia de uma perspectiva de ensino que tenha por primazia a mera formação de indivíduos destinados à obediência e à servidão a um regime político (democrático) voltado para o bom funcionamento do capitalismo.

Em nossa pesquisa, chegamos ao entendimento provisório de que, embora a instituição em tela seja libertária e tipicamente desviante, ela não resolve o problema da exclusão, pois as grandes transformações percebidas nos educandos viriam, na verdade, das relações estabelecidas no interior das salas entre os próprios alunos e não pela pretensa metodologia inclusiva. Isso ficou claro ao analisarmos os sistemas de inclusão da Escola Camafeu que, no obstante enfatizano nível do discurso à necessidade de inclusão, ao mesmo tempo em que reforça as práticas dos sujeitos estudantes, ainda há vários mecanismos de exclusão e silenciamento dos estudantes - como pudemos evidenciar ao logo do presente artigo - marcados pelo desvio e pelo estigma.

A partir da constatação de que é possível haver exclusão em uma escola pretensamente inclusiva, através dos relatos dos próprios educandos, compreendemos que a Escola Freinet deveria trabalhar para que a exclusão de pessoas com deficiência, por exemplo, fosse erradicada, de modo à suprimir estigmas observados por nós. Caso contrário, o desvio e a exclusão se perpetuariam enquanto estigmas paradoxais para uma escola cujo lema é o respeito à liberdade, a inclusão e o respeito às diferenças - a considerar seu viés anarquista-cooperativo.

A dita constatação da exclusão a que nos referimos, não foi um resultado apenas de nossas observações. Além de os próprios alunos também a trazerem-na a lume, os profissionais e especialistas da Escola deixaram claro que ainda é preciso erradicar as contradições percebidas no interior da instituição. Todavia, é preciso dizer que, por ter um funcionamento diferenciado - que dispensa o sistema de notas, aprovação/reprovação, autoavaliação e avaliação dos colegas, autogestão de reuniões etc. -, a Escola Freinet, a partir do cooperativismo, busca e zela pela igualdade.

Com isso, queremos dizer que não obstante o perfil da Escola Freinet Camafeu não se adéque a uma instituição de ensino tradicional, é preciso que alguns aspectos voltados para o acolhimento seja efetivado, a fim de prestar assistência aos discentes que precisam de alguma atenção especial - e, de fato, haja uma promoção da igualdade. A impressão que nos ficou foi a de que há uma falta de direcionamento para os cooperadores, sobretudo em relação aos professores novatos, que ficam praticamente dependendo dos discentes mais antigos, em relação à compreensão dos comportamentos dos demais educandos com algum tipo de deficiência (mental, física ou intelectual).

Nossa pesquisa não teve por intuito trazer algum tipo de ‘mácula’ a um modelo de ‘ensino heterodoxo’, isto é, não se tratou, no presente trabalho, de se criar algum tipo de imagem negativa contra a Escola em evidência - não é demais reiterar -, antes, nossa pesquisa buscou mostrar que ser uma escola moderna, com aplicação de metodologias inovadoras, que promovam a formação integral dos discentes, não é suficiente para esvaziar os estigmas em seu interior. Se, por um lado, trata-se de uma Escola, desviante por investir em outras práticas pedagógico-metodológicas, por outro, é uma instituição que não consegue dar conta de pôr termo ao estigma impresso nos discentes que necessitam de uma educação especial, por exemplo.

Referências

- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução por Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.
- DANTAS, Daniel. **A argumentação como elemento discursivo na mídia digital: um estudo sobre o blog “Fatos e dados”**. Natal, RN: UFRN, 2012 (tese de doutorado).
- DIJK, Teun A. Van. **Discurso e poder**. Judith Hoffnagel, Karina Falcone (Org). 2a Ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução por Laura Fraga de Almeida Sampaio. 17a Ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- FOUCAULT, Michel. Os corpos dóceis. In: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 34. Ed. Petrópolis, Rj : Vozes, 2007.
- FREINET, Célestin. **As técnicas Freinet da Escola Moderna**. Editorial Estampa, 1976. Coleção técnicas de educação. Tradução de Silva e Letra. Título Original: Les techniques Freinet de l'école moderne, 1964.
- GOFFMAN, Erving. Estigma e identidade social. In: GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**, 4.ed. Tradução por Mathias Lambert. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2004.
- GOFFMAN, Erving. As características das instituições totais. In: GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. Tradução: Dante Moreira Leite. Editora: Perspectiva, São Paulo, 1961.
- LEMOS, Daniel Dantas. et al. Tudo começa aqui? A anulação da presença dos povos indígenas no RN e a vitória do invasor branco retratadas pelas escolhas lexicais em canais de comunicação do destino Rio Grande do Norte. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.11, p. 104067-104089 nov. 2021. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/39342/pdf>. Acesso em: 29 dez 2021.
- VELHO, Gilberto (org). **Desvio e divergência: uma crítica da patologia social**. 3ª. ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1979.

Recebido: 12 fev 2022

Aceito: 17 out 2022